

DIÁLOGO E COMPARATIVISMO: BRASIL E PAÍSES HISPANO-AMERICANOS NO SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS, 1974-1985¹

Haydée Ribeiro Coelho²

Introdução: situando a interlocução latino-americana no Suplemento

Tratar das interlocuções literárias no Suplemento Literário do Minas Gerais e do comparativismo requer que se situe, primeiramente, o sentido dos suplementos literários, as abordagens críticas sobre suas tendências gerais e específicas. No entanto, como já fiz isso em outros textos e tenho ministrado cursos sobre literatura, cultura, jornal e literatura, refletirei sobre as interlocuções latino-americanas, ressaltando, inicialmente, a atividade poética e ensaística de Laís Corrêa de Araújo, além daquela de tradutora de vários contos, textos teóricos e entrevistas, abrindo um espaço importante para a reflexão sobre o que ocorria nos países hispano-americanos.

Já na série “Roda Gigante”, publicada entre 1966 e 1969, Laís Corrêa de Araújo, ao apresentar vários textos ao leitor brasileiro, comentava aspectos atinentes ao diálogo entre o Brasil e a América Hispânica, chamando a atenção para o insulamento no campo da crítica e da literatura e para o movimento editorial como em: “Romance boliviano” (aRaújo, mai. 1967, p. 3); O senhor presidente, de Miguel Ángel Asturias; “Asturias: invenção e participação” (aRaújo, dez. 1967, p. 7) e “Neruda - um grande poeta em seu tempo” (aRaújo, jan. 1969, p. 10).

Em “Romance boliviano”, a autora salientava que: No congresso do Pen Club realizado em Nova York, houve um debate sobre a função do escritor na América Latina, de que participaram Pablo Neruda, Victoria Ocampo, Carlos Fuentes e outros intelectuais, tendo o uruguaio Carlos Martínez Moreno salientado especialmente que os escritores sul-americanos são “reciprocamente ignorantes se ignorados uns dos outros”. (araújo, mai. 1967, p. 3)

O dilema do escritor latino-americano, naquele momento, também era evidenciado no texto de Laís Corrêa de Araújo: “opção entre literatura criativa e experimental, considerada objeto estético e uma vigorosa e ativa participação na realidade social como peça efetiva de um trabalho objetivo, mais premente e mesmo indispensável” (idem, ibidem). Esse aspecto está presente em vários outros textos do Suplemento, incluindo o artigo do crítico Fábio Lucas que registra a presença de Julio Cortázar em Ouro Preto no ano de 1973. No que se refere à divulgação das obras latino-americanas no Brasil, a poeta brasileira destacava, no texto sobre o romance boliviano, o trabalho da editora Civilização Brasileira, que tinha traduzido Metal do Diabo, de Augusto Céspedes, na Coleção “Nossa América”. Em dezembro do mesmo ano de 1967, Laís Corrêa de Araújo constatava que a mesma coleção tinha encerrado sua publicação com o livro do autor boliviano já mencionado. Se o Brasil enfrentava problemas na divulgação dos textos latino-americanos,

conforme demonstra o texto de Laís Corrêa, a situação dos livros brasileiros e latino-americanos não era tão diferente, na França, apesar do boom editorial.

Ugné Karvelis, escritora e jornalista, presidente da Associação Alia, responsável por difundir a cultura latino-americana, sobretudo a literatura, teve seu texto “apresentado em um seminário patrocinado pelo governo francês sobre a situação do livro latino-americano” na França (kaRvelis, 1984, p. 2). Esse texto, traduzido para o português por Ângelo Oswald, salientava que os autores brasileiros, proporcionalmente aos seus habitantes (120 milhões, nos anos de 1984) e à produção regional, contavam com menos títulos traduzidos na França em relação a outros países. A Argentina era representada “por 23 autores e 73 títulos, mais de ¼ total das obras literárias disponíveis” (idem, ibidem).

A autora do artigo atribui esse fato aos “laços culturais que a França manteve tradicionalmente com aquele país e também pela influência que a literatura francesa exerceu – e exerce ainda, em parte – sobre os criadores argentinos” (idem, ibidem).

Voltando-se para as disciplinas científicas e para as obras de não-ficção, Ugné Karvelis mostra, a partir das traduções ocorridas nessa área, que “a América Latina é (...), nesse contexto, considerada como objeto de pesquisa e não como parceiro de civilização” (idem, ibidem). Salienta também

que os trabalhos científicos de um dos maiores antropólogos e etnólogos do continente americano, o brasileiro Darcy Ribeiro, continuam até hoje inéditos na França à exceção de um volume sobre “As fronteiras indígenas da civilização”, publicado na coleção 10/18 das edições Christian Bourgeois, enquanto suas pesquisas e ensaios são traduzidos no mundo inteiro, pois Darcy Ribeiro consagrou boa parte de sua vida à defesa das comunidades indígenas do Brasil. (idem, ibidem)

Em contrapartida, o autor seria mais conhecido na França pela tradução de seu primeiro romance – Maíra.

Outros aspectos, relacionados à divulgação dos livros, foram comentados em “Roda gigante: Asturias, invenção e participação”, tais como: “ausência de mercado de livros” (aRaújo, dez. 1967, p. 7) e a divulgação restrita de obras, “talvez na suposição de que seja desnecessária a tradução e publicação de suas obras, porque a língua espanhola é de fácil leitura para o brasileiro” (idem, ibidem).

Refletindo sobre o comparativismo e o diálogo entre a literatura brasileira e a hispano-americana

No texto “América Latina no Suplemento Literário do Minas Gerais” (1969-1973), evidenciei que havia “estudo de autores da literatura hispano-

americana realizada por críticos brasileiros; crítica hispano-americana sobre a produção hispano-americana e outros artigos realizados por críticos estrangeiros sobre autor latino-americano” (Coelho, 1996, p. 121)

Além disso, mostrei que Panoramas mais gerais sobre a literatura hispanoamericana, trabalhos comparatistas entre autores brasileiros e autores hispano-americanos destacam-se nesse quadro geral, além das resenhas que divulgavam traduções realizadas no Brasil. Roteiros de leituras, de revistas literárias, publicadas no Brasil e no exterior, tinham a função de cartografar a cultura e a literatura hispano-americanas. (idem, pp. 121-122)

Termino o texto chamando a atenção para o comparativismo que também se fez presente, depois de 1973, contando com outras colaborações acadêmicas, de forma mais intensa, tendo em vista a implementação dos cursos de Pós-Graduação nas universidades brasileiras e na Universidade Federal de Minas Gerais, o que reitera o objetivo do Suplemento Literário desde seu primeiro número em setembro de 1966, voltado para a localidade e para a universalidade.

Embora não seja o objetivo deste texto mapear os estudos sobre o comparativismo no Brasil, é importante ressaltar alguns deles para situar esse estudo à luz de algumas discussões teóricas que nos abrangem, de forma específica. O que não significa refletir sobre o comparativismo de forma estreita.

Antonio Candido, em “Literatura Comparada”, começa seu texto ressaltando um dos aspectos já por ele assinalados: “estudar literatura brasileira é estudar literatura comparada” (Candido, 1993, p. 211).³ Ao longo de seu artigo, vai focalizando o comparativismo no Brasil. Ressalta, ainda, que na Universidade de São Paulo ela começou como disciplina autônoma em 1961, associada ao estudo de Teoria Literária, por iniciativa dele. Na mesma universidade, os cursos regulares sobre Literatura Comparada foram ministrados em nível de graduação em 1969 e, em nível de pós-graduação, em 1971. Segundo ainda o crítico, a Associação Brasileira de Literatura Comparada equivale a uma certidão de maioridade da disciplina no Brasil (...). De fato, ela encerra a era que começou pelas manifestações ocasionais, passou à prática regular, mas individual, antes de obter reconhecimento institucional, que ainda assim não a tirou da situação marginalizada, em que existia sobretudo como subproduto do ensino das literaturas estrangeiras modernas. A partir de agora ela poderá afinal assumir o papel que lhe cabe num país caracterizado pelo cruzamento intenso das culturas, como é o Brasil. (idem, pp. 214-215)

Em 1997, Sandra Nitrini, em seu livro sobre Literatura Comparada (1997), aborda essa área em três capítulos, a saber: “Percursos históricos e teóricos”, incluindo “O comparatismo latino-americano”; “Conceitos fundamentais” e a “Literatura Comparada no Brasil”. O Anexo, que acompanha os capítulos, intitulado “Visão panorâmica do comparativismo brasileiro”, traz perspectivas voltadas para os anos 90.

As diferentes publicações da Associação Brasileira de Literatura Comparada, seja por meio dos Anais de Congresso, seja pela publicação da

revista *Literatura Comparada*, fornece diferentes subsídios para que o leitor acompanhe as questões que afetam o estudo do comparativismo.

O comparativismo data de longo tempo, conforme se lê no texto de Eduardo Coutinho, sendo observado desde a Antigüidade. Os aspectos históricos, a propósito da sistematização do comparativismo como área de conhecimento, também foram enfocados pelo crítico, voltado para as questões da *Literatura Comparada* na América Latina. Neste sentido, é importante o destaque concedido a uma das tendências do pensamento contemporâneo: o estudo das diferenças latino-americanas, relacionando-as com o “sistema de que fazem parte – a literatura do continente em seus diversos registros – e investiga[ndo] o sentido que assumem no quadro geral da tradição literária ocidental” (Coutinho, 2003, p. 22).

No período entre 1973 e 1985, no Suplemento, encontram-se textos que dialogam comparativamente com base em aspectos narrativos, lingüísticos e temáticos (dUarte, 1977, pp. 4-5);⁴ se ocupam da comparação entre autores, marcados por uma originalidade de estilo como Guimarães Rosa e José Lezama Lima (altamirano, 1979, p. 4); focalizam as convergências e divergências entre o modernismo brasileiro e as vanguardas hispano-americanas, com base nos textos de Mário de Andrade, Jorge Luís Borges e Vicente Huidobro.⁵

Estes textos remetem ao vanguardismo e ao cosmopolitismo, aspectos basilares do livro *Vanguarda e Cosmopolitismo*, resenhado no suplemento por F. S. Nascimento (jan. 1984, p. 9), que realça o trabalho de literatura comparada realizado por Jorge Schwartz:

Mais generalizante em sua proposta de exegese, Jorge Schwartz faria em *Vanguarda e Cosmopolitismo* (...) uma abordagem consideravelmente ampliada dos principais movimentos estéticos, anteriores e contemporâneos à eclosão do modernismo no Brasil, trabalho de literatura comparada e de análise textual a que haveremos de recorrer, doravante, pelo aparato documental que reúne, capaz de responder a indagações ainda não suficientemente justificadas ou satisfatoriamente compreendidas ao longo dos últimos sessenta anos. (idem, *ibidem*)

A “vanguarda de nossos dias”, ou seja, da década de 1970, era comunicada aos leitores mineiros pela tradução de um texto do romancista Héctor Libertella, apresentado no “Programa Internacional de Escritores, em Iowa City, 1971” (Libertella, 1972, pp. 6-7). Em 1984, foram organizadas cinco edições especiais: duas destinadas aos “realismos na América Latina” e as outras três publicadas em homenagem a Julio Cortázar. No primeiro suplemento especial sobre o realismo na América Latina, veio à baila o questionamento do comparativismo tradicional, que ficava preso às fontes e às influências (Carvalho, 1986, pp. 71-82). O texto da cultura dominada era visto como reflexo das literaturas européias, devedor desta fonte. Esse comentário está associado ao que ocorre à visão de Mário de Andrade diante de alguns contos de Murilo Rubião.

O escritor mineiro revela, em entrevista, comentada por Maria Luiza Ramos, que, como outros de sua geração, enviou cartas e contos ao autor

de Macunaíma. Mário de Andrade, ao ler alguns de seus contos, sentiu dificuldade para “dar opinião para esse gênero de criação em prosa a que estou denominando aqui de baseada no princípio da fantasia. O próprio Kafka, confesso a você que freqüentemente me deixa numa insatisfação danada” (Ramos, 1984, p. 2).

No comentário de Mário de Andrade há o estranhamento em relação à singularidade de um autor brasileiro e a associação imediata do texto de Rubião a um escritor estrangeiro que Murilo não conhecia e com que só veio tomar contato dois anos mais tarde, depois da alusão de Mário de Andrade ao autor de O processo.

O sentido de “realismo”, nos números especiais, está relacionado ao “realismo fantástico”; opõe-se ao barroquismo e constitui-se como “real maravilhoso”. Tendo como objeto as epígrafes bíblicas de Murilo Rubião, Laís Corrêa de Araújo explica o que é o realismo fantástico: Didaticamente, o realismo fantástico funciona mais ou menos da mesma forma que a imagem no espelho plano. Haverá realismo porque o escritor trabalha com fatos e personagens que podem existir, que são “simétricos” ao cotidiano; mas tal realismo será fantástico porque é virtual e reverso, aparecendo diante do leitor como expressão oposta ou desconexa da realidade. (Araújo, jun. 1984, p. 3) ⁶

Wander Melo Miranda, no texto “Graciliano Ramos e Juan Rulfo”, compara as obras São Bernardo e Pedro Páramo, partindo da constatação de o barroquismo ser considerado como um “traço definidor da identidade artístico-cultural latino-americana”. Se esse é um aspecto que pode ser comprovado tanto teoricamente quanto no âmbito da ficção, segundo o autor do artigo, exclui obras de autores “como as de Juan Rulfo e Graciliano Ramos que têm como denominador comum, sobretudo, a utilização de um mínimo de recursos para alcançar uma máxima expressividade” (Miranda, jun. 1984, p. 4). Além dessa semelhança, vejam-se alguns outros traços que aproximam os dois autores: “não rejeitam o elemento regional, embora não o reduzam ao pinturesco e ao documental”; o espaço físico é o lugar de convergência “das indagações nucleares do universo ficcional de ambos: a solidão e a incomunicação dos seres humanos, o amor, a morte, a reflexão sobre o poder” (idem, ibidem) e a “contestação da ilusão da realidade”. Quanto à temática, assinalem-se “o latifúndio” e a “relação amorosa frustrada”, presente em ambos os textos. À medida que o autor do ensaio vai tecendo as aproximações, também destaca as diferenças.

Em “O Espaço da (ir) realidade em Incidente de Antares e em O reino deste mundo, Maria Nazareth Soares Fonseca tem como objetivo: “avaliar não apenas a inserção do fantástico nos romances, como ainda indagar sobre as relações real-irreal que, explicitando a singularidade dos textos como produção literária, refletem determinada forma de apreensão da realidade textual, mas resguardam um sentido que extrapola a mera factualidade invocada” (Fonseca, s.d., p. 8). Apoiando-se na concepção de “realismo maravilhoso”, segundo Alejo Carpentier, desenvolve sua análise com base nos seguintes aspectos: estratégia de (re)produção textual – o entrelaçamento História/ história; espectros e vítima-encenação e sacrifício e o percurso da transgressão e da morte.

Na tensão entre o real e a ficção, em “A casa:cantos,encantos e desencantos do espaço doméstico feminino”, Nádía Battella Gotlib (s.d., p. 3), baseando-se na comparação entre o conto da autora mexicana Rosario Castellanos (“Lección de Cocina”) e “Amor”, de Clarice Lispector, focaliza “a mulher na relação com seu espaço doméstico: o da casa. E o da cozinha”. A autora, entre outras conclusões, mostra que: O “mágico”, em Rosário, atesta o “absurdo” social da rotina neurotizada e o seu “ideal” é o escape possível para, talvez, outra máscara neurotizante: não há mesmo saída. (...) e, em Clarice, atende ao “absurdo” social da rotina quando desprovida da intensidade de uma experiência possível, pela qual se atinja o âmago de uma experimentação profunda, reveladora,, criativa, engrandecedora. (idem, p. 5)

Em “Borges, autor das mil e uma noites”, Eneida Maria de Souza, desde o título, demonstra o caráter comparatista de seu estudo, focalizando a escritura, a leitura e a tradução. Às considerações de ordem biográfica e que acentuam a “experiência livresca e familiar” de Borges, seguem outras imediatamente relacionadas ao texto “Pierre Menard, autor de Quijote”. A autora acaba por concluir que “a escritade Pierre‘Ménard, autor del Quijote’ condensa o acidente autobiográfico e o projeto artístico em Borges: apresença obsessiva do fantasmado ‘outro’ que, passando por um processo de ritualização na escrita, consiste em apagar e, ao mesmo tempo, reforçar a presença de uma herança paterna” (soUza, jun. 1984, p. 3). Muitos outros aspectos, atinentes à escrita de Borges, são desenvolvidos por Eneida Maria de Souza no livro O século de Borges.

Nos três números especiais, em homenagem a Julio Cortázar, há uma carta do autor argentino a Roberto Fernández Retamar, reproduzida da Revista Casa de las Américas; a republicação de uma entrevista do autor de Bestiario, concedida a Ângelo Oswaldo, jornalista mineiro; um capítulo suprimido de Rayuela; um depoimento de Ugné Karvelis; várias traduções de poemas e narrativas, fragmentos de romance; textos-depoimentos de autores do boom, como “O Bolívar do romance latino-americano”, de Carlos Fuentes, e “O argentino que se tornou amado por toda gente”, de Gabriel Garcia Márquez; ademais, vários artigos analíticos: “Em fuga da civilização”, de Nancy Maria Mendes; “A destruição anunciada” e “Out of now here”, de Davi Arrigucci Jr., retirados de O escorpião encalacrado (1973), importante livro do crítico brasileiro da Universidade de São Paulo.

Conclusão

Os textos, comentados de forma sucinta, reiteram as tendências do comparativismo literário no Brasil em meados dos anos 70 e 80 e apontam também para a importância que o Suplemento teve e continua tendo para a divulgação do trabalho crítico desenvolvido nas universidades brasileiras. Visto sob esse ângulo, operiódicomineiroexerceu, e ainda exerce, um pape de mediação entre a produção acadêmica e o leitor, seja ele especialista ou não da área de Letras.

Sob a perspectiva da história do comparativismo latino-americano no Brasil, o Suplemento constitui uma fonte de consulta obrigatória não só pelo volume do material publicado em termos de literatura e crítica, mas pela qualidade da produção nele divulgada.

Clara Rocha(1985), ao estudar as revistas literárias do século xx, em Portugal, apesar de demonstrar a mobilidade de fronteiras entre uma revista, um jornal literário, uma antologia e um volume coletivo, faz distinções entre essas produções. Embora admitindo, com a autora, diferenças visíveis em relação à materialidade do jornal e da revista, acredito que os desafios enfrentados pelas revistas culturais e os jornais literários e culturais sejam parecidos, sobretudo no que diz respeito à América Latina.

Apoiada nas indagações de Mabel Moraña (2000, pp. 245-246), menciono alguns dos aspectos que não podem ser ignorados pelo periodismo cultural latino-americano: “a) Demandas do multiculturalismo (...); b) Multilingüismo (...); c) transdisciplinarietà (...); d) Modificación del campo cultural y de la función intelectual (...); e) Surgimiento de nuevas zonas de análisis (...); f) Reacomodos políticos en el interior de los campos culturales (...) e g) vaciamento ideológico (...)”.
Ainda segundo Mabel Moraña, La cuestión principal no es entonces, a(su)criterio, desde que lugar geopolítico se produce la crítica o la teoría cultural, sino desde que lugar desde que co-locación - ideológica se efectúa el cuestionamiento de los impactos que el neoliberalismo está teniendo en la producción y en el análisis de la cultura latino-americana. (idem, p. 246)⁷

Diante desse quadro esboçado, cabe ao crítico de hoje analisar o Suplemento Literário do Minas Gerais levando em conta outras publicações produzidas na mesma época. O trânsito das idéias e dos homens durante o exílio latino-americano – como tenho demonstrado em estudos anteriores – poderá ser um dos caminhos para se entender o diálogo (suas interrupções e lacunas) entre o Brasil e os países hispano-americanos nas décadas de 1960 e 1970 e meados de 1980.

Referências

- AltaMiRano, Donaldo. “João Guimarães Rosa e José Lezama Lima”. Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, jun. 1979, vol. 13, n. 662, p. 4.
- AMBRósio, Leonilda. “Mário de Andrade e Vicente Huidobro: identidades”. Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, dez. 1980, vol. 14, n. 743, pp. 1-2.
- ARaujo, Laís Corrêa de. “Asturias: invenção e participação”. Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, dez. 1967, vol. 2, n. 69, p. 7.
- _____. “Murilo Rubião, o realismo fantástico e as epígrafes bíblicas”. Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, 30 jun. 1984, n. 926, p. 3.
- _____. “Neruda – um grande poeta em seu tempo”. Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, jan. 1969, vol. 4, n. 124, p. 10.
- _____. “Romance boliviano”. Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, mai.

1967, vol. 2, n. 36, p. 3.
aRRiGucci jR, Davi. "A destruição anunciada". Minas Gerais, Suplemento Literário Belo Horizonte, set. 1984, vol. 19, n. 936, pp. 8-9.
_____. Out of now here . Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, ago. 1984, vol. 19, n. 934, pp. 10-11.
Candido, Antonio. "Literatura Comparada". In: Recortes. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
CaRvalho, Tânia. Literatura Comparada. São Paulo: Ática, 1986.
Coelho, Haydée Ribeiro. "A América Latina no Suplemento Literário do Minas Gerais (1969-1973)". Gragoatá (Publicação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense), Niterói, eduFF, jul.-dez. 1996, n. 1.
Coutinho, Eduardo F. Literatura Comparada na América Latina: ensaios. Rio de Janeiro: Uerj, 2003.
duaRte, Lélia Maria Parreira. "A tempestade na selva". Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, abr. 1977, vol. 12, n. 549, pp. 4-5.
Fonseca, Maria Nazareth Soares. "Espaço de (ir) realidade em Incidente de Antares e O Reino deste mundo". Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, v. 19, n. 927, p. 8.
Fuentes, Carlos. "O Bolívar do romance latino-americano". Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, set. 1984, vol. 19, n. 935, p. 2.
Gicovate, Moisés. "De Euclides da Cunha a Mário Vargas Llosa". Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, 9 mar. 1982, vol. 15, n. 808.
GotliB, Nádia Battella. "A casa: cantos, encantos e desencantos do espaço doméstico feminino". Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, vol. 19, n. 927, p.3.
KaRvelis, Ugné. "Um novo olhar sobre o livro brasileiro e latino-americano no mercado editorial da França". Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, abr. 1984, vol. 19, n. 915, p. 2.
LiBeRtella, Héctor. "Vanguarda: o fim das obras imortais". Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, out.1972, vol. 7, n. 319, pp. 6-7.
MiRanda, Wander Melo. "Graciliano Ramos e Juan Rulfo". Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, 30 jun. 1984, n. 926, p. 4.
Mendes, Nancy Maria. "Em fuga da Civilização". Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, jul. 1984, vol. 19, n. 927, pp. 6-7.
MoRaña, Mabel. Crítica Impura: estudios de literatura y cultura latinoamericanos. Iberoamericana/ Vervuert, 2004, pp. 245-246.
NasciMento, F. S. "Vanguarda: confrontos e direções". Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, 21 jan. 1984, n. 903, p. 9.
NitRini, Sandra. Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
RaMos, Maria Luiza. "Do fantasma ao fantástico". Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, 30 jun. 1984, n. 926, p. 2.
Rocha, Clara. Revistas Literárias do século XX em Portugal. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.
Souza, Eneida Maria de. "Borges, das Mil e uma noites". Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, jun. 1984, vol. 19, n. 926, p. 3.
Szkio, Gilda Salem. "A modernidade em Paulicéia desvairada e Fervor de Buenos Aires (I)". Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, abr. 1980, vol. 14, n. 706, pp. 6-7.
_____. "A modernidade em Paulicéia desvairada e Fervor de Buenos Aires (II)". Minas Gerais, Suplemento Literário, Belo Horizonte, abr. 1980, vol. 14, n. 707, pp. 6-7.